

**TRANSFORMAÇÃO DA INTIMIDADE: HOMENS E MULHERES NA
CONTEMPORANEIDADE NA PERSPECTIVA DA ESTRUTURAÇÃO DE GIDDENS**

**TRANSFORMATION OF INTIMACY: MEN AND WOMEN IN CONTEMPORARY
SOCIETY UNDER GIDDENS'S STRUCTURATION PERSPECTIVE**

Doriane Braga Nunes Bilac¹

RESUMO: Numa sociedade altamente reflexiva, que ordena e reordena as relações sociais, as ações individuais e coletivas são modificadas no seu cotidiano. Assim, é perfeitamente aceitável que mudanças nas relações de gênero também sejam realizadas. A mulher é elemento chave nesse processo transformador. Para Giddens, ela é o sujeito das transformações de comportamento no ambiente privado da sociedade moderna por não mais desejar reproduzir padrões, convenções e hábitos tradicionais, parâmetros até então norteadores de suas ações em seus relacionamentos. Ao lutar por seus direitos, a mulher levou para a esfera pública temas (sexo, amor, casamento, família, filhos etc.) até então restritos à esfera privada. Isso contribuiu para transformar a intimidade, a identidade e as relações sociais entre os sexos. Neste artigo, é apresentada a análise que Anthony Giddens realiza sobre o impacto da modernização nas relações de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria da estruturação; Anthony Giddens; gênero.

ABSTRACT: In a highly reflexive society, in which social relationships are arranged and rearranged constantly, individual and group actions are modified by everyday life. Thus, it is perfectly acceptable that changes in gender relationships also happens. The woman is a key figure in this changing process. Giddens considers that she is the subject of behavioral changes in private environments of modern society due to the fact that she does not want to reproduce patterns, traditions and habits, parameters that guide the actions and relationships of women until that moment. When fighting for their rights, women brought to the public sphere themes (sex, love, marriage, family, children, etc.) which were at that point restricted to private live. This contributes to transform intimacy, identity and social relationships between men and women. This paper presents the analysis Anthony Giddens carries out about the effect of modernization in gender relationships.

KEYWORDS: Theory of structuration; Anthony Giddens; gender.

1. INTRODUÇÃO

¹ Graduação em Ciências Contábeis, Mestrado em Contabilidade Avançada e doutoranda em Sociologia pela UnB. Atualmente é Professora de ensino superior da Fundação Universidade do Tocantins (Unitins) e da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

A modernidade, para Giddens (1991, p. 11), é "[...] estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVIII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência". Esse estilo de vida mudou a ordem social tradicional porque serviu para estabelecer a interconexão social mundial e, ao mesmo tempo, alterar as formas de relacionamento social. Ele apresenta três elementos que identificam as discontinuidades que separam as instituições sociais modernas das ordens sociais tradicionais. O primeiro é o ritmo dinâmico e acelerado das mudanças da era da modernidade. O segundo é o escopo da mudança, ou seja, ela atinge toda a superfície da Terra. O terceiro é a natureza intrínseca das instituições modernas não existentes em períodos históricos precedentes, como, por exemplo, sistema político do Estado-Nação (GIDDENS, 1991).

O autor destaca que a modernidade não criou apenas oportunidades, mas também diversos riscos, como ecológicos, uso arbitrário do poder político, confronto nuclear, conflito militar, divisão do trabalho etc. Outra característica da modernidade está relacionada ao tema confiança. Nas sociedades pré-modernas, a confiança se instituiu no sistema de parentesco, religioso e comunitário. Na sociedade moderna, ela se estabelece em relações abstratas de amizade em que tempo e espaço estão indefinidos.

Para Giddens (1991), a globalização representa a difusão das instituições ocidentais no mundo e destrói outras culturas ao introduzir novas formas de interdependência mundial. O autor ressalta que o industrialismo utiliza capital, recursos humanos e máquinas de forma organizada e coordenada no processo de fabricação de bens. Portanto, torna-se o eixo principal da interação dos seres humanos com a natureza porque os setores industrializados são passíveis de coordenação e controle humanos.

Para o autor, a historicidade significa o conhecimento do passado para moldar o presente. Assim, o futuro é considerado aberto e é mais importante que o passado. Nas sociedades tradicionais, o passado é valorizado visto que permite manter viva a experiência de gerações e por ser estruturado por práticas sociais recorrentes reinventadas a cada nova geração. Nas civilizações pré-modernas, a reflexividade está restrita à reinterpretação dessas práticas. Na modernidade, a

reflexividade consiste em examinar e reformar de maneira contínua as práticas sociais, assim, uma prática não é cultivada por ser tradicional.

Giddens (1991) destaca que a dinamicidade da sociedade moderna acontece devido a três fontes: a primeira fala da separação entre espaço e tempo; a segunda refere-se ao desenvolvimento de mecanismo de desencaixe que descontextualiza a atividade social e reorganiza as relações sociais no tempo e no espaço; e a terceira diz respeito à apropriação reflexiva do conhecimento.

Para o autor, há uma conexão entre esses aspectos da modernidade e a transformação da intimidade na vida cotidiana porque

[...] a transformação da intimidade envolve o seguinte:

Uma relação intrínseca entre as tendências globalizantes da modernidade e eventos localizados na vida cotidiana – uma conexão dialética, complicada entre o ‘extensional’ e o ‘intencional’.

A construção do eu como um projeto reflexivo, uma parte elementar da reflexividade da modernidade; um indivíduo deve achar sua identidade entre as estratégias e opções fornecidas pelos sistemas abstratos.

Um impulso para a autorrealização, fundamentado na confiança básica, que em contextos personalizados só pode ser estabelecida por uma ‘abertura’ do eu para o outro.

A formação de laços pessoais e eróticos como ‘relacionamentos’, orientados pela mutualidade de autorrevelação:

Uma preocupação com a autossatisfação, que não é apenas uma defesa narcisista contra um mundo externo ameaçador, sobre os quais os indivíduos têm pouco controle, mas também em parte uma apropriação positiva de circunstâncias nas quais as influências globalizadas invadem a vida cotidiana (GIDDENS, 1991, p. 126).

Vinculando esses aspectos aos papéis até então desempenhados pelos homens e pelas mulheres, pode-se observar que o trabalho crítico feito pelo movimento feminista, assim como outros movimentos sociais os incluíram na reflexividade da modernidade. Ao lutar por direitos de igualdade política e econômica, as mulheres questionam os elementos que constituem as relações entre elas e os homens. Discutem o que é sexo, quais os fins do casamento, o que é o amor, como deve ser a relação íntima entre os sexos, qual deve ser a posição da mulher e dos homens na vida social e quais são as características básicas da identidade pessoal. As questões por elas levantadas estão interligadas ao tema do eu como um projeto reflexivo. Seus objetivos são múltiplos e

complexos, entretanto visam despertar consciências, influenciar a opinião pública e possibilitar mudanças na formação de um mundo mais humanitário, tolerante, igualitário e democrático.

Ao interpretar a sexualidade e a intimidade como elementos que favorecem a construção da identidade dos indivíduos, Giddens (1993) faz uma leitura da relação entre os sexos e de suas posições em face da modernização da sociedade. Propõe-se analisar o impacto da modernização nas relações entre os homens e mulheres a partir da obra *A transformação da intimidade. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*.

2. TRANSFORMAÇÃO DA INTIMIDADE: HOMENS E MULHERES NA CONTEMPORANEIDADE

Ao analisar as transformações da intimidade na contemporaneidade, Giddens (1993) destaca que as mulheres exerceram papel fundamental nesse processo, viabilizaram a possibilidade da democratização da esfera pessoal compatível com a democracia na esfera pública, ou seja, homens e mulheres têm a mesma participação nas novas formas de vida em família (relacionamentos), baseadas em princípios igualitários e democráticos (respeito mútuo, comunicação, tolerância etc.). As mudanças na vida privada ganharam espaço na vida pública, alterando as relações entre os gêneros. Para demonstrar o comportamento das mulheres nesse processo, apresenta as transformações que sofreu desde o século XVIII até o momento atual.

Giddens (1993) inicia sua exposição apresentando o estudo de Lilian Rubin² para mostrar que a mudança da sexualidade acompanha as mudanças da sociedade, mas não na mesma proporção. A sexualidade não se limita a estímulos biológicos, ela é elaborada socialmente dentro da esfera do poder. O casamento, no século XIX, deixou de ser realizado unicamente por laços de parentesco e por interesses econômicos e passou a ser contraído com base no amor sexual e romântico. Nesse sentido, homens e mulheres, em comunhão conjugal, estavam realizando um empreendimento

² Rubin estudou as histórias sexuais de quase mil pessoas heterossexuais nos Estados Unidos, entre 18 e 48 anos de idade. Com esse estudo, ela constatou mudanças surpreendentes nas relações entre homens e mulheres nas últimas décadas, sendo mais significativas para as mulheres. Os entrevistados mais jovens tiveram uma atitude mais favorável às mudanças, mas muitas respostas obtidas nas entrevistas ainda revelaram desigualdade entre os homens e as mulheres. Apesar das mulheres terem praticado mais sexo, os homens afirmaram preferir as menos vividas (GIDDENS, 1993).

baseado em comunicação ou intimidade emocional e não um empreendimento para assegurar a linhagem e a herança.

No século XX, a sexualidade teve uma nova conotação com a reprodução autônoma e as novas tecnologias reprodutivas. A reprodução podia ser concretizada com a ausência da atividade sexual. Para Giddens (1993), esse fato liberta a sexualidade do seu papel reprodutivo e passa a configurar uma qualidade dos indivíduos e de suas relações mútuas. Cria-se a sexualidade plástica como elemento fundamental para a reivindicação da mulher ao prazer sexual. Antes, esse prazer estava vinculado ao receio de gestações repetidas e aos altos índices de mortalidade infantil e materna. A AIDS retoma o vínculo entre o sexo e a morte. A revolução sexual, das últimas décadas, favorece o florescimento do homossexualismo e da autonomia sexual feminina.

Para falar do amor, Giddens (1993) reporta-se ao estudo de Malinowski sobre os habitantes da Ilha Trobriand. Esse estudo mostra que a paixão atormenta o corpo e a mente tanto dos nativos como dos povos europeus, ou seja, tem os mesmos efeitos em diferentes regiões e épocas. O amor apaixonado não tem limites nem barreiras e é descrito como doença e loucura por afastar o amante de seus vínculos sociais, contudo é cheio de êxtase sexual. "O amor apaixonado é marcado por uma urgência que coloca (o indivíduo) à parte das rotinas da vida cotidiana" (GIDDENS, 1993, p. 48). Esse amor perturba, invade, traz alegria para a alma e desinteresse pelas relações pessoais. "Por essa razão, encarado sob o ponto de vista da ordem e do dever sociais, ele é perigoso" (GIDDENS, 1993, p. 48). Esse amor não se limitava à esfera do casamento, pelo contrário, os homens e algumas mulheres da aristocracia o realizavam nas relações extraconjugais com amantes, servos etc. Isso acontecia porque, na Europa pré-moderna, havia uma desvinculação entre casamento e o prazer sexual, uma vez que o casamento era um contrato de conveniência econômica, profissional e para a transmissão de bens hereditários. Exaltava-se nas moças respeitáveis a virgindade e, nas esposas, a constância e a fidelidade.

A partir do final do século XVIII, limites mais precisos foram definidos para as questões íntimas como os deveres conjugais e o cuidado dos filhos. Nesse período, surgiu o amor romântico inserindo o eu e o outro em uma história compartilhada e individualizada, própria do casal que

almejava um vínculo mais permanente. Seus ideais estavam nos laços que surgiam entre a liberdade e a autorrealização de ver no outro qualidades que o tornava especial e não simplesmente o sexo.

O amor romântico, que começou a marcar a sua presença a partir do final do século XVIII, utilizou tais ideais e incorporou elementos do 'amour passion', embora tenha se tornando distinto deste. O amor romântico introduziu a ideia de uma narrativa para uma vida individual – fórmula que estendeu radicalmente a reflexividade do amor sublime (GIDDENS, 1993, p. 50).

Com essa afirmação, Giddens (1993) estabelece um paralelo entre a história romântica e a individual. O amor sublime do amor romântico prescinde do ardor sexual do amor paixão, introduzindo novas noções de "virtude" para ambos os sexos.

Para Giddens (1993, p. 51), o sentido atribuído ao romance no século XIX, “[... tanto expressou quanto contribuiu para as mudanças seculares, afetando a vida social como um todo”, ressalta a característica principal da modernidade, ou seja, a razão sobrepujando a emoção.

O romance não era mais, como em geral havia sido antes, uma invocação de possibilidades especificamente reais em um reino de ficção. Em vez disso, converteu-se em uma via potencial para o controle do futuro, assim como uma forma de segurança psicológica (em princípio) para aqueles cujas vidas eram por ele afetadas (GIDDENS, 1993, p. 52).

Segundo Giddens (1993), a origem do amor romântico está associada ao lugar social ocupado pela mulher, bem como à imagem criada de uma mulher pura, de uma mulher esposa/mãe, que impregnou os ideais de amor romântico, "reforçando um modelo de 'dois sexos' das atividades e dos sentimentos" (GIDDENS, 1993, p. 53). Maternidade e feminilidade foram integradas e passaram a fazer parte da personalidade da mulher. "O amor romântico era essencialmente um amor feminilizado" (GIDDENS, 1993, p. 54) e sustentava-se por meio de um compromisso mútuo firmado entre marido e esposa. O marido podia extravasar seu amor/paixão no leito de amantes e prostitutas, mas não era permitido o mesmo procedimento com a esposa. A realidade de uma vida cotidiana domesticada, a frustração com o casamento, o envolvimento emocional prolongado, estável e de futuro previsível e uma vida social sem grandes emoções são fatores que contribuíram para acentuar nas mulheres o domínio da intimidade e da autoidentidade. Portanto, o amor

romântico é reflexivo e pode proporcionar as transformações da intimidade nas sociedades modernas. Nesse sentido, tem um caráter intrinsecamente subversivo.

Giddens (1993) conclui que o amor romântico desliga o indivíduo de situações sociais mais amplas, proporciona uma trajetória de vida prolongada e cria uma história compartilhada que ajuda a separar o relacionamento conjugal de outros aspectos da organização familiar. Esses aspectos do amor romântico – casamento – estão sendo substituídos pela ideia de relacionamentos puros e amor confluyente.

Ao analisar os resultados da pesquisa de Sharon Thompson³, Giddens (1993) constata que ainda há diferenças entre o comportamento sexual de rapazes e moças adolescentes americanos. As respostas dos rapazes evidenciam que a atividade sexual é interpretada como uma conquista, e que a iniciação sexual deve ser buscada sempre. Portanto, ainda carregam valores tradicionais. As respostas das adolescentes são mais próximas dos enredos apresentados nos livros de romance ao falar sobre o amor e a atividade sexual. Os discursos revelam o desejo de um relacionamento romântico. As falas também evidenciam que interpretam a iniciação sexual como uma doação e entrega porque implica a perda da virgindade. Elas têm consciência de que o trabalho remunerado e a formação profissional são essenciais para a sua autonomia futura e desejam sair do lar paterno.

A partir dos estudos de Emily Hancock⁴, Giddens (1993) mostra que as gerações anteriores saíam da casa dos pais no momento do casamento, e as novas gerações saem para ter uma vida independente. Também destaca que a inserção da mulher no mundo externo se processa por meio do “discurso do nós”; e a do homem, pelo “discurso do eu”.

O paradoxo é que o casamento é utilizado como um meio para se alcançar uma certa autonomia [...] A separação entre o casamento e suas raízes tradicionais nos ‘fatores’ externos impôs-se muito mais intensamente sobre as mulheres do que sobre os homens, que poderiam encontrar no casamento e na família antes de tudo um refúgio do individualismo econômico (GIDDENS, 1993, p. 67-68).

³ Sharon Thompson realizou entrevistas sobre o sexo com 150 adolescentes americanos de classes e origens étnicas diferentes.

⁴ Emily Hancock realizou, em 1980, uma pesquisa sobre a história de vida de vinte mulheres americanas de classes sociais diferentes, entre 30 e 75 anos.

As experiências vivenciadas pelas mulheres no casamento, na família e no trabalho são reflexivas e, por isso, possibilitam alterações na autoidentidade e uma reestruturação da vida íntima para gerações futuras. Nos seus discursos, falam sobre envolvimento emocional como relacionamentos e não mais como casamento.

Giddens (1993) define relacionamento como sendo um vínculo emocional próximo e contínuo com o outro. Usa o conceito de relacionamento puro para explicar uma situação

[...] em que se entra em uma relação social apenas pela própria relação, pelo que pode ser derivado por cada pessoa da manutenção de uma associação com outra, e que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem (GIDDENS, 1993, p. 68-69).

O relacionamento puro é um relacionamento que privilegia o compromisso, a confiança, a intimidade, a integridade e não se restringe ao casamento heterossexual. Nele há o desenvolvimento de uma história compartilhada entre pessoas que devem proporcionar um ao outro, por palavras e atos, algum tipo de garantia de que a relação será mantida por um período indefinido. Ele é diferente da ideia de casamento como uma “condição natural” e “para sempre”. O que o diferencia é a possibilidade de poder ser terminado, mais ou menos à vontade, em qualquer época e por qualquer um dos parceiros. O compromisso é essencial para que tenha a probabilidade de durar, mas não evita o risco de um dos membros sofrer muito no futuro, no caso de o relacionamento vir a dissolver-se. Nesse tipo de relacionamento, o que conta é a própria relação, e a sua continuidade depende do nível de satisfação que cada uma das partes pode extrair.

Nesse ambiente de transformações, a mulher se destaca em relação ao homem. Assim, os homens são retardatários nas transições atualmente em curso porque é a primeira vez que se descobrem a si próprios como homens. Não sendo capazes de uma relação igualitária, os homens românticos tratam a mulher de forma diferenciada e não como uma igual. São homens que constroem a sua vida em torno de uma mulher por não conseguirem organizar sua vida autonomamente. Assim, as transformações do casamento e da vida pessoal possibilitaram aos homens ser capazes de dependência e não de intimidade.

As ligações entre o amor romântico e a intimidade foram suprimidas, e o apaixonar-se permaneceu intimamente vinculado à ideia de acesso: acesso a mulheres cuja virtude ou reputação era protegida até que pelo menos uma união fosse santificada pelo casamento. Os homens tenderam a ser ‘especialistas em amor’ apenas com respeito às técnicas de sedução ou de conquista (GIDDENS 1993, p. 70).

Com a emancipação e a autonomia sexual feminina, o amor romântico se fragmenta nos relacionamentos puros, mas essa fragmentação vai contra o

[...] desenvolvimento de um relacionamento cuja continuação depende da intimidade. A abertura de um em relação ao outro, condição para o que chamaremos de 'amor confluyente', é de algum modo o oposto da identificação projetiva, ainda que tal identificação, por vezes, estabeleça um caminho até ele (GIDDENS, 1993, p. 72).

O “amor confluyente” é mais real que o amor romântico, porque é um amor ativo que não se pauta nas identificações projetivas, fantasias de completude, ideia de único e para sempre. No amor confluyente, cada indivíduo que participa do convívio emocional não busca uma pessoa especial, mas um relacionamento especial. A união pelo amor confluyente pressupõe uma igualdade entre homens e mulheres nas trocas afetivas e no recebimento emocional entre os parceiros, a partir do desenvolvimento da intimidade.

O amor confluyente pela primeira vez introduz a 'ars erotica' no cerne do relacionamento conjugal e transforma a realização do prazer sexual recíproco em um elemento-chave na manutenção ou dissolução do relacionamento (GIDDENS, 1993, p. 73).

Assim, o amor romântico é um amor sexual que liberta a arte erótica cultivada por prostitutas e concubinas, e o amor confluyente traz a arte erótica para dentro do relacionamento, transformando a realização do prazer sexual recíproco em um elemento-chave na manutenção ou dissolução do relacionamento. Nesse sentido, quase todos têm a oportunidade de ser sexualmente realizados porque abolem a distinção entre mulher respeitável e a marginalizada. O amor confluyente não é necessariamente monogâmico e não é exclusivo das relações heterossexuais. O que o torna puro é a aceitação pelos parceiros da transparência da relação e o reconhecimento da diferença entre os parceiros. Está relacionado com a autoidentidade e a autonomia pessoal. O amor confluyente “é uma

versão de amor em que a sexualidade de uma pessoa é um fator que tem de ser negociado como parte de um relacionamento” (GIDDENS, 1993, p. 74).

A negociação da sexualidade nos relacionamentos implica dizer que as mulheres também desejam o sexo e, por isso, também podem sofrer do vício pelo sexo como componente básico de suas vidas e relacionamentos. A identidade sexual feminina constitui parte central da narrativa do *self* para adquirir sua autonomia e realização. Essa disponibilidade para a atividade sexual permite presumir certa igualdade em relação ao homem e, ao mesmo tempo, à perda de sentido de ser dos sedutores masculinos porque a integridade que buscavam romper ou manter sob o seu poder deixou de existir. Assim, a compulsividade sexual masculina resultará da ansiedade provocada pela insegurança perante a igualdade sexual feminina e pela diluição das seguintes formas sociais: domínio dos homens na esfera pública; a vida dupla; a divisão das mulheres em puras (casáveis) e impuras (prostitutas, concubinas, sedutoras); compreensão da diferença sexual como sendo divino, natural ou biológico; irracionalização das mulheres ao executar seus desejos e ações; divisão sexual do trabalho (GIDDENS, 1993).

Giddens (1993) relaciona a transformação da intimidade com o sexo e o gênero e a compara à relação de parentesco, ao considerar a relação feminina como uma série de direitos e deveres criados por laços biológicos e de casamento. Acredita que, na sociedade moderna, mesmo com o alto índice de separação e divórcio, as relações não foram destruídas, e que a família nuclear está gerando novos laços de parentesco.

Uma característica importante da modernidade, segundo Giddens (1993), é a relação entre mães e filhos. O domínio da mãe afeta psicológica (a construção da identidade) e sociologicamente (a construção da intimidade) ambos os sexos. No âmbito psicológico masculino, esse domínio gera um sentimento de insegurança e de dor no momento de compor sua autoidentidade porque deve romper com o amor materno – libertar-se da influência da mãe – para construir sua identidade masculina. Essa dor pode levar o homem a recusar essa construção ou manifestar uma raiva aberta ou violência contra o sexo feminino. No âmbito psicológico feminino, esse domínio dificulta sua relação com o poder do homem porque, na construção de sua identidade, atribui um sentido mais fraco à sua autonomia e à sua individualidade.

As origens da autoidentidade masculina prendem-se com um profundo sentimento de insegurança, um sentimento de perda que inconscientemente assalta mais tarde as memórias do indivíduo. A confiança básica, a própria fonte de segurança ontológica, está intrinsecamente comprometida, uma vez que o rapaz é abandonado ao mundo dos homens pela pessoa que foi o principal adulto amado com quem podia contar (GIDDENS, 1993, p. 80).

No aspecto sociológico, a invenção da maternidade como resultado da separação entre a casa e o trabalho e da emergência do amor romântico, que associa a mulher-esposa à mulher-mãe, cria a figura da mãe todo-poderosa. Essa figura afeta as mulheres e os homens. No processo de construção da própria identidade, os homens perdem a capacidade de autonomia emocional necessária à construção da intimidade. Para as mulheres, a construção da identidade gera um ganho de autonomia emocional, elemento essencial à capacidade de intimidade, mas resulta numa perda de autonomia social.

Esses aspectos fazem Giddens (1993) questionar se faz sentido o estereótipo da submissão feminina e se é válido afirmar que houve uma perda do poder masculino. A resposta ao primeiro questionamento é negativa porque ambos os sexos têm impulsos de submissão e de dominação. Para o segundo questionamento, afirma que, apesar da divisão do trabalho continuar intacta e do homem não querer perder o poder tanto em casa como no trabalho, alguma coisa mudou e pode ameaçar o poder masculino: a cumplicidade feminina na realização de atividades econômicas e emocionais. Devido a essa cumplicidade,

As mulheres voltaram a protestar e libertaram-se do seu confinamento ao meio doméstico e às limitações de autodesenvolvimento que ele implicava. Os homens continuam prisioneiros do papel de ganha-pão, apesar de os benefícios econômicos que eles oferecem às mulheres provocarem atualmente mais ressentimento do que apreço (GIDDENS, 1993, p. 103-104).

Conquistas e liberdades foram obtidas pelas mulheres na vida pessoal, familiar, profissional, educacional, política etc. e contribuíram para gerar mudanças sociais, de comportamento e de mentalidade e, ao mesmo tempo, transformaram a intimidade que, apesar de ser opressiva, pode surgir como uma negociação transacional de vínculos pessoais, estabelecida por iguais. Um elemento básico para essa transformação foi a reivindicação pelo prazer sexual. Essa reivindicação viabilizou a

possibilidade de uma democratização na esfera pessoal compatível com a democracia na esfera pública porque a liberação sexual da mulher, os métodos contraceptivos e as relações homossexuais geraram transformações no espaço privado e ganharam o espaço público (GIDDENS, 1993).

A busca pela democracia, no domínio público, foi de início um projeto masculino, do qual as mulheres só conseguiram participar devido aos seus próprios esforços e lutas. Já a democratização, na esfera privada, é um processo menos visível, e as mulheres são consideradas, por Giddens, como suas principais autoras. Os benefícios dessas lutas contemplaram a todos.

Giddens (1993) define democracia como uma situação que possibilita relações livres e iguais entre os indivíduos e promove os seguintes resultados: a criação de circunstâncias em que as pessoas possam desenvolver suas potencialidades e expressar suas diversas qualidades; negociação de decisões para evitar o uso arbitrário da autoridade política e abuso do poder de coerção; o envolvimento dos indivíduos na determinação das condições de sua cooperação e expansão da oportunidade econômica para os indivíduos possam atingir seus objetivos.

Após definir democracia, Giddens (1993) a relaciona com a intimidade por meio do princípio da emergência da relação pura e do princípio da autonomia, identificado como a condição de um indivíduo se relacionar com os outros de modo igualitário. A democratização da vida pessoal implica relacionamento interpessoal pautado pelo respeito, pela cooperação, pela confiança e pela responsabilidade.

Nesse tipo de relacionamento, os participantes são ativos e podem modificar seu comportamento e realizar mudanças sociais. A estruturação dessa relação é contínua porque as regras e os recursos que movem a sociedade estão cristalizados na memória e na mente desses seres que agem conhecendo ou não os resultados produzidos. Assim, a estrutura é um condicionante e, ao mesmo tempo, um capacitador das ações desses indivíduos.

O poder de mudança atribuído às lutas masculinas e femininas pela sua identidade mostra a visão de Giddens sobre como a dualidade dessas estruturas gera oportunidades de ações para esses indivíduos em um presente rompido com o passado. O presente, denominado de sociedade moderna, tende a tornar-se mais flexível para colher todas as formas de relacionamentos.

3. TEORIA DA ESTRUTURAÇÃO

A teoria da estruturação está na corrente de pensamento que procura compreender as relações entre indivíduo e sociedade. Para isso, faz um paralelo entre o cotidiano tradicional e o moderno.

No cotidiano tradicional, os indivíduos se relacionavam com a natureza por meio da agricultura. A natureza era externa ao homem e exercia domínio sobre ele. O tempo se baseava nas estações do ano, e a ideia de espaço era fixa. Portanto, o cálculo do tempo e a coordenação do espaço constituíam a base da vida cotidiana. Nesse contexto, as relações sociais e os sexos encontravam-se encaixados em comunidades locais.

No cotidiano moderno, os indivíduos se relacionam com a natureza por meio da tecnologia. A natureza é produto da ação humana. O tempo passa a ser social, artificial, linear e universal, e o espaço passa a ser dinâmico e virtual. Portanto, o que constitui a base da vida cotidiana é o universo. Nesse contexto, as relações sociais e os sexos encontram-se desencaixados de sua identidade fixa e adquirem expansões indefinidas.

Essas mudanças geraram nos sexos um sentimento de insegurança e ansiedade em relação a esse ambiente amplo, diverso e alheio por não ter mais o pleno controle dos elementos que dão forma à sua vida e possibilitou a reflexividade, isto é, pensar e repensar sobre suas ações e nas dos outros. Ao mesmo tempo, afetaram a vida pessoal e a constituição do eu por permitir relacionamentos locais (caracterizados pela co-presença) e a distância (conexões de presença e ausência). As ações humanas passaram a afetar a natureza, o corpo e os processos fisiológicos. Dessa forma, as ações cotidianas dos sexos podem influenciar o meio, assim como o meio influencia a vida pessoal.

Essa influência dialética entre agentes, ação e estrutura possibilitou a Giddens elaborar a teoria da estruturação com o fim de propor um equilíbrio entre a subjetividade e a objetividade e romper com a dualidade de que a estrutura sobressai sobre a ação do indivíduo, ou que a ação deste se sobressai sobre as estruturas. Essa teoria chama a atenção para duas dimensões: estrutura e ação.

Para Giddens (2003), a ação é um processo contínuo que está em constante estruturação e reestruturação. Estrutura são as regras e os recursos, recursivamente implicados na reprodução de sistemas sociais. As regras são de dois aspectos: elementos normativos e códigos de significação. Os recursos são de suas espécies: impositivos (derivam da coordenação da ação dos agentes humanos) e alocativos (procedem do controle dos aspectos materiais do mundo). Inicialmente, estuda-se o que há de comum nas ações cotidianas que podem transformar a estrutura e, em seguida, verifica-se o modo como as práticas institucionalizadas estabelecem a conexão entre a integração social (reciprocidade das práticas entre os atores em condições de co-presença) e a integração em sistema (reciprocidade entre os atores que estão separados no tempo e no espaço).

Isso significa dizer que a estrutura diz respeito às ações humanas que são construídas no tempo e no espaço de forma padronizada e recorrente, e a estruturação seria a reprodução dessas condutas. As razões e as motivações para os atores agirem de determinada maneira estão relacionadas com as características da ação social (racionalidade, reflexividade e intenção) e com os elementos da estrutura (instituições práticas no tempo e no espaço, agência e contingência).

Em relação à ação social, os indivíduos têm o poder de agir de uma ou de outra maneira, e essas práticas podem acontecer face-a-face ou virtualmente. A racionalidade significa dizer que o agir social não é um hábito mecânico. A reflexividade refere-se ao fato de os agentes serem construtores e produtos da sua própria ação. A intenção é o elemento não premeditado da ação, mas que possibilita o alcance do objetivo desejado.

Em relação à estrutura, o elemento agência significa a ação humana que faz a diferença, e o elemento contingência diz respeito às consequências não premeditadas da ação.

Ao conjugar esses elementos tem-se a materialização da estrutura que padroniza as relações sociais pelas práticas reproduzidas. Isso é possível porque os indivíduos estão sempre procurando desenvolver ações que possam restaurar a sensação de segurança (no sentido de existência e previsibilidade) e de confiança (no sentido de reciprocidade e garantia das relações sociais) diminuídas com a modernidade. A segurança e a confiança no cotidiano serão restauradas por meio dos sistemas abstratos porque possibilitam a gestão dos riscos da modernidade e a convivência pacífica com os perigos do seu cotidiano. A consequência desse processo é a influência dos sexos

nas mudanças do mundo social porque, para Giddens (1993), os indivíduos têm mais capacidade de manejar os limites impostos pelas estruturas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Relacionando a teoria da estruturação com a transformação da intimidade dos sexos na modernidade, observa-se que a estrutura precede a existência dos indivíduos. Entretanto o ser humano acaba modificando a estrutura e, em contrapartida, ela também o modifica. Isso evidencia a capacidade que o indivíduo tem de agir, enfrentar a diversidade de contextos aos quais está exposto e de construir formas diferentes de comportamento e interação com o fim de desenvolver uma vida mais autônoma e com mais liberdade. Em outras palavras, é uma forma de ajustar o “eu” a uma determinada situação.

Também evidencia o grau de interferência do indivíduo nas transformações sociais e, ao mesmo tempo, mostra a relação que Giddens quis evidenciar ao relacionar a ação e a estrutura denominada de estruturação, no sentido de que nenhum deles é hierarquicamente superior ao outro. A estrutura é recursiva socialmente, ou seja, está vinculada à ação dos indivíduos porque, no momento em que o indivíduo age, é também um momento em que são reproduzidos os diversos contextos do cotidiano da vida social. Assim, ele demonstra que é, na conduta cotidiana dos indivíduos, que a sociedade, a identidade e a intimidade são moldadas e transformadas.

REFERÊNCIAS

GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.



_____. *A constituição da sociedade*. 2. ed. São Paulo: Martins Fonte, 2003.

_____. *As transformações da intimidade*. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: UNESP, 1993.